

Orquestra Barroca

Casa da Música

11 Abr 2015
18:00 Sala Suggia

CICLO BARROCO BPI
ANO ALEMANHA

Laurence Cummings cravo e direcção musical
Huw Daniel, Reyes Gallardo, Miriam Macaia
e **Bárbara Barros** violino

1ª PARTE

Pedro António Avondano

Sinfonia em Fá maior (c.1760-80; c.5min.)
Allegro – Largo – Allegro

Antonio Vivaldi

Concerto para quatro violinos em Si menor,
RV 580 (pub.1711; c.9min.)
1. *Allegro*
2. *Largo – Larghetto – Largo*
3. *Allegro*

Johann Sebastian Bach

Concerto para violino em Mi maior,
BWV 1042 (1729-30; c.16min.)
1. *Allegro*
2. *Adagio*
3. *Allegro assai*

2ª PARTE

Carlos Seixas

Concerto para cravo em Lá maior
(séc.XVIII; c.7min.)
1. *Allegro*
2. *Adagio*
3. *Giga: Allegro*

Jean-Philippe Rameau

Suite de *Dardanus* (1739; c.23min.)
1. *Ouverture*
2. *Tambourin I e II*
3. *Air gay en rondeau*
4. *Menuet I e II*
5. *Aria: "Lieux funestes"*
6. *Bruit de guerre*
7. *Chaconne*

Georg Friedrich Händel

Concerto Grosso op. 3 n.º 4 em Fá maior
(1716; c.12min.)
1. *Andante – Allegro – Lentamente*
2. *Andante*
3. *Allegro*
4. *Minuetto: Allegro*



casa da música

10
anos

PATROCINADOR OFICIAL ANO ALEMANHA

MECENAS CILO BARROCO



PATRONOS DO 10º ANIVERSÁRIO



We Know How



CO-FINANCIADO POR



O NOVO NORTE
resposta à inovação
desenvolvimento



A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



Pedro António Avondano

LISBOA, 1714 - LISBOA, 1782

Sinfonia em Fá maior

Filho de um violinista italiano da corte de D. João V, Pedro António Avondano seguiu os passos do pai como 1º violino da Real Câmara de D. José I a partir de 1763, num período de italianização da cultura musical portuguesa. Avondano desenvolveu também uma actividade importante como compositor; entre os géneros que cultivou salienta-se a música instrumental para teclado ou de câmara (incluindo música orquestral), e também música vocal, com destaque para ópera, cantata e música sacra. A década de 1760 e o início da década de 1770 terão sido os períodos de maior relevância na sua carreira, tendo promovido eventos como os concertos da Assembleia das Nações Estrangeiras, em Lisboa, a partir de 1766.

A Sinfonia em Fá maior é representativa dos primórdios da sinfonia, que tem a sua origem nas aberturas de ópera italiana de início do séc. XVIII. Nestas já se evidenciava a estrutura tripartida de andamentos (rápido – lento – rápido), sequência que se viria a expandir, dando origem a andamentos autónomos de carácter distinto. A Sinfonia em Fá maior apresenta precisamente 3 secções, seguindo a sequência rápido (*Allegro*) – lento (*Largo*) – rápido (*Allegro*), mas não podemos falar de andamentos autónomos já que o *Largo* funciona como uma introdução ao *Allegro* final. A duração da obra (menos de 5 minutos) é extremamente reduzida em relação a sinfonias mais tardias, o que reforça a ligação estilística desta obra à abertura de ópera italiana.

O *Allegro* que abre a Sinfonia é a secção mais desenvolvida, caracterizada pela utilização de notas repetidas, uma técnica utilizada para sugerir agitação. O seu início alterna com um outro segmento mais lento em estilo de lamento ou suspiro, reforçando o contraste com a agitação. O *Largo*, caracterizado pela utilização de ritmos pontuados e pela sua brevidade, introduz um *Allegro* final igualmente breve, em compasso ternário. A utilização deste compasso e a elegância que exprime sugerem a influência das danças de corte, nomeadamente do minueto.

Antonio Vivaldi

ENEZA, 1678 - VIENA, 1741

Concerto para quatro violinos em Si menor

O estilo *concertato* constituiu porventura um dos traços mais representativos do período Barroco. Caracterizava-se pela justaposição e contraste, opondo, dentro da orquestra, um grupo restrito de solistas (ou um solista) ao restante grupo, que era designado de *ripieno*, ou *concerto grosso* nos concertos com mais do que um solista; esta última designação tornou-se a terminologia técnica para este tipo de concerto. O(s) solista(s) alterna(m) pois com o *ripieno* num diálogo caracterizado pelo contraste, mas também toca(m) nas secções de *tutti*, em que todos tocam em conjunto.

Antonio Vivaldi destacou-se como um dos mais prolíficos compositores do género, sendo-lhe atribuídas aproximadamente 500 obras neste formato. O Concerto em Si menor para 4 violinos integra *L'estro armonico* (inven-

ção harmónica), uma colecção de 12 concertos publicada em 1711. À semelhança de outros concertos de Vivaldi, poderiam ter sido destinados às suas pupilas do Ospedale della Pietà, em Veneza, uma instituição que albergava jovens órfãs e pobres, e onde lhes era oferecida uma sólida formação musical. Os concertos apresentados por estas jovens eram afamados em toda a Europa, e um destino obrigatório para os visitantes da cidade.

Embora normalmente se refira apenas os 4 violinos como solistas neste concerto, também o violoncelo desempenha um papel de destaque. A utilização dos 4 (ou 5) solistas confere à obra uma textura solística particularmente densa, e leva a que o diálogo característico do género se estabeleça sobretudo entre os solistas e não tanto entre solistas e *ripieno*.

O *Allegro* inicial apresenta solos de cariz virtuosístico, baseados na reiteração e combinação de curtos motivos melódicos que levam à construção de frases alargadas, imitadas pelos vários solistas em intervenções alternadas. O resultado é de grande impacto rítmico, com momentos de tensão e distensão coadjuvados pela alternância de dinâmicas contrastantes. O andamento lento, *Largo*, apresenta uma entrada majestosa em ritmo pontuado, remanescente da música francesa desse período, seguida por uma secção mais rápida, com a repetição quase obsessiva de motivos rítmicos, regressando depois ao carácter majestoso e pontuado do início. O *Allegro* final, em ritmo ternário, tem características de dança, um facto bastante comum nos andamentos finais de concertos deste período. Tal como no *Allegro* inicial, a alternância entre dinâmicas mais fortes e mais suaves é um elemento importante para reforçar o diálogo entre os instrumentos.

Johann Sebastian Bach

EISENACH, 1685 - LEIPZIG, 1750

Concerto para violino em Mi maior

Entre 1729 e 1741, Johann Sebastian Bach dirigiu o Collegium Musicum de Leipzig, uma associação composta por músicos profissionais, amadores e estudantes universitários, que se reuniam para tocar em conjunto e apresentar concertos informais; o Concerto em Mi maior, BWV 1042 poderá ter sido composto entre 1729 e 1730 para este contexto. O uso do estilo *concertato*, de origem italiana, baseado no princípio de alternância entre secções solísticas e secções orquestrais, é a característica mais óbvia deste Concerto. Revela a influência de compositores como Vivaldi, por quem Bach demonstrou uma particular afeição ao efectuar arranjos de vários dos seus concertos, substituindo o instrumento solista – o(s) violino(s) – por cravo(s).

O Concerto em Mi maior está dividido em 3 andamentos (rápido – lento – rápido). O *Allegro* inicial apresenta um formato seccional tripartido A-B-A, em que a secção B apresenta novos motivos e revisita o tema principal em modo menor, terminando com uma cadência em estilo improvisatório que assegura a ligação ao retorno da secção A. O *Adagio* revela a influência do estilo operático no relevo dado à melodia solista, pontuada pela repetição constante, nos instrumentos graves da orquestra, de um mesmo motivo de acompanhamento. O último andamento, *Allegro assai*, apresenta-se em formato rondó, em que um tema principal desempenha a função de refrão, alternando com secções tematicamente diversificadas com o violino solista colocado em destaque, prevalecendo um carácter de dança.

Carlos Seixas

COIMBRA, 1704 - LISBOA, 1742

Concerto para cravo em Lá maior

É possível que o Concerto para cravo de Carlos Seixas seja uma das primeiras obras compostas com este instrumento como solista, o que revela o interesse do compositor pela criação de obras para tecla. A sua actividade como organista na Sé Patriarcal de Lisboa e na Capela Real terão seguramente consolidado a sua ligação aos instrumentos de tecla. Uma história, porventura algo imaginativa, veiculada por José Mazza no seu *Dicionário Biográfico de Músicos Portugueses*, de finais do séc. XVIII, relata o encontro de Seixas e Domenico Scarlatti em Portugal, e as afirmações elogiosas que este último teria feito a propósito do talento do seu colega português.

Constituído por 3 andamentos, *Allegro*, *Adagio* e *Giga*, a obra segue o modelo de concertos da mesma época para instrumentos melódicos como o violino. É comum a estes andamentos o estilo de alternância entre solista e *ripieno* orquestral, enfatizando os solos de cravo as possibilidades virtuosísticas do instrumento. Depois do *Allegro* de forte cariz rítmico, o *Adagio*, bastante breve, remete para o estilo vocal expressivo da ópera italiana, criando a ligação para a *Giga* final. A *giga* é uma dança de origem inglesa (*jig*) que, estilizada como música puramente instrumental a partir do séc. XVII, se tornou parte integrante das suítes de danças do período Barroco; a sua inclusão neste Concerto é portanto um facto invulgar.

Jean-Philippe Rameau

DIJON, 1683 - PARIS, 1764

Suite de *Dardanus*

Jean-Philippe Rameau iniciou o seu percurso como compositor de óperas em 1733, já com 50 anos. Este início tardio no género deve-se ao sistema de apresentação de obras teatrais em França nesta época, que estava baseado num monopólio por concessão régia. Até essa data, Rameau era sobretudo conhecido como compositor de repertório para cravo, e como o autor do *Tratado de Harmonia* de 1722. A sua primeira ópera séria (ou *tragédie lyrique*), *Hippolyte et Aricie*, causou uma polémica entre os *ramistes*, que defendiam o compositor, e os *lullystes*, que consideravam as suas obras um desvio inaceitável em relação à tradição francesa de Jean-Baptiste Lully (1632-87).

Esta polémica ainda se prolongava na altura em que *Dardanus* foi estreada, em 1739. O libreto da obra foi baseado na história de um personagem mítico, Dardanus, filho de Zeus e Electra. Dardanus está em guerra com o rei Teucer quando se apaixona pela filha deste último, Iphise, prometida a outro. A história tem um final feliz, com a reconciliação dos personagens desavindos e a união de Dardanus e Iphise na conclusão.

Na suite (designação geralmente aplicada a uma sequência de danças no período Barroco) desta *tragédie lyrique* reúnem-se algumas das suas secções instrumentais (com a adição, incomum em contexto de suite, da ária "Lieux funestes"), representativas de alguns géneros do Barroco musical francês. A *Ouverture*, por exemplo, segue a estrutura típica das aberturas de ópera francesa, que

consistia numa sequência de duas secções, a primeira em estilo pontuado e de cariz majestoso, a segunda bastante rápida e com uso da técnica de imitação entre instrumentos. Os *tambourins*, como várias outras danças de dimensão mais modesta, são apresentados aos pares, com repetição da dança inicial no fim; o mesmo ocorre com os *menuets*, uma dança associada ao estilo francês. O *Air gay em rondeau*, que precede os *menuets*, remete para o formato do rondó, em que um tema de refrão alterna sistematicamente

com secções intermédias diferenciadas. O *Bruit de guerre* remete para a batalha, um formato bastante divulgado na música instrumental da Renascença e do Barroco que reproduz, por efeitos de imitação sonora (uso rápido de notas repetidas, dinâmicas extremas), a agitação e sons da guerra. Já a *chaconne* é uma dança construída em forma de variações sobre uma linha de baixo curta e constantemente repetida, num desafio à capacidade inventiva do compositor.

Ária: “Lieux funestes”

Texto: Charles-Antoine Leclerc de La Bruère

*Lieux funestes, où tout respire
La honte et la douleur,
Du désespoir sombre et cruel empire,
L’horreur que votre aspect inspire
Est le moindre des maux qui déchirent mon
coeur.
L’objet de tant d’amour, la beauté qui
m’engage,
Le sceptre que je perds, ce prix de mes
travaux,
Tout va de mon rival devenir le partage,
Tandis que dans les fers je n’ai que mon
courage
Qui suffit à peine à mes maux.*

Lugares desventurados, onde apenas se respira
A desonra e a aflição,
Domínios da desesperança cruel e sombria,
A aversão que a vossa aparência inspira
É o menor dos males que me dilaceram o
coração.
Objecto de tanto amor, a beleza que me
prende,
O ceptro extraviado, o ganho do meu
sustento,
Tudo do meu rival se vai tornar penhor,
Enquanto agrilhado só me resta o
destemor
Que a custo me basta ao sofrimento.

Tradução: Fernando P. Lima

Georg Friedrich Händel

HALLE (SAXÓNIA), 1685 - LONDRES, 1759

Concerto grosso op. 3 n.º 4 em Fá maior

Os *Concerti grossi* op. 3 de Georg Friedrich Händel foram publicados em 1734 em Londres, cidade onde o compositor se estabeleceu a partir de 1712, depois do sucesso nesse mesmo ano da sua ópera *Rinaldo*. O decrescente interesse pela ópera italiana na capital inglesa a partir da década de 1730 levou Händel a dedicar-se a outros géneros, como a oratória, cantatas, música de câmara e concertos.

A publicação dos *Concerti grossi* op. 3 incluía 6 obras em estilo *concertato*, mas para um grupo de solistas (por oposição ao concerto para um instrumento solista, que era designado apenas de concerto, este género era designado de *concerto grosso*). Não obstante a existência de um grupo de solistas, nomeadamente dois violinos e dois oboés, o seu estatuto diferenciado não é igualmente discernível em todos os andamentos desta obra.

Assim, o andamento que abre a obra, *Andante - Allegro*, é constituído por duas secções, a primeira lenta e a segunda rápida, que alternam e se repetem. Segue o modelo de algumas aberturas de ópera francesa do período Barroco, iniciando com um carácter imponente, reforçado pela utilização de ritmos pontuados, em contraste com a secção rápida, caracterizada pela imitação entre os instrumentos e pela sua vivacidade. Não existem solos neste andamento, o que o distancia do modelo do concerto. Já o mesmo não sucede no *Andante*, de estilo melódico e expressivo, em que é dado destaque ao solo do oboé. Este andamento termina com uma

cadência que providencia a ligação com um *Allegro* de carácter animado, marcado pelo diálogo entre os quatro solistas. O papel dos solistas volta a perder relevância no último andamento, constituído por dois minuetos. Como é costume em relação a este género, os dois minuetos têm cariz contrastante e a sua performance é alternada, sendo o primeiro repetido no final.

HELENA MARINHO, 2015

Laurence Cummings *direcção musical*

Laurence Cummings é um dos músicos mais versáteis dentro da corrente da interpretação histórica em Inglaterra, como cravista e como maestro. Foi bolseiro de órgão no Christ Church em Oxford, onde se graduou com distinção. Até 2012 foi director dos estudos de Performance Histórica na Royal Academy of Music, criando no curriculum a prática em orquestras barrocas e clássicas. É agora *William Crotch Professor* de Performance Histórica. É membro da Handel House em Londres e foi director musical da Tilford Bach Society. Desde 1999 é director do Handel Festival de Londres, e em 2012 tornou-se director artístico do Festival Internacional Händel em Göttingen. É maestro titular da Orquestra Barroca Casa da Música.

Tem dirigido produções de ópera para a English National Opera, Festival de Glyndebourne, Ópera de Gotemburgo, Ópera de Zurique, Ópera de Lyon, Garsington Opera, English Touring Opera, Opera Theatre Company, Linbury Theatre Covent Garden, Royal Academy of Music e ainda na Croácia, Porto e EUA. Trabalha regularmente com o English Concert e a Orchestra of the Age of Enlightenment, Royal Liverpool Philharmonic, Ulster Orchestra, Hallé Orchestra, Irish Baroque Orchestra, Royal Scottish National Orchestra, Britten Sinfonia e Royal Academy of Music Baroque Orchestra.

Fez a primeira gravação do recentemente descoberto *Gloria* de Händel com Emma Kirkby e a Royal Academy of Music (BIS) e discos em recital a solo em cravo, incluindo música de Louis e François Couperin (Naxos). Gravou com a Orquestra de Câmara da Basi-

leia para a Deutsche Harmonia Mundi e Sony BMG. Dirige o English Concert e o flautista (bisel) Maurice Steger num disco de concertos de Corelli para a Harmonia Mundi.

Os seus compromissos actuais incluem *L'Incoronazione di Poppea* (Opera North) e *Indian Queen* (English National Opera), bem como projectos com a Royal Northern Sinfonia, English Concert, London Handel Players, Bournemouth Symphony e Royal Scottish National, além das presenças na Casa da Música no Porto e Festivais Händel de Londres e Göttingen.

Huw Daniel *violino*

Huw Daniel estudou na Ysgol Gyfun Ystalyfera, Sul de Gales, continuando depois como bolseiro em órgão no Robinson College (Cambridge), onde se diplomou em música com os máximos louvores em 2001. Estudou depois violino barroco na Royal Academy of Music durante dois anos, com Simon Standage. Em 2004, foi membro da Orquestra Barroca da União Europeia (OBUE), cujos membros formaram depois a Harmony of Nations continuando a apresentar-se sob este nome.

É membro do Dunedin Consort, Orquestra Barroca Irlandesa, The Sixteen e Orchestra of the Age of Enlightenment. Trabalha regularmente como concertino da Orquestra Barroca Casa da Música no Porto e também como concertino convidado da OBUE, English Concert e The Sixteen. Toca num violino de Alessandro Mezzadri de c.1720, cedido pela Jumpstart Junior Foundation.

Reyes Gallardo *violino*

Natural da Corunha, Reyes Gallardo obteve o título superior de violino no Conservatório Superior da Corunha (1995), a Licenciatura em violino em Roterdão (2001) e uma pós-graduação no Conservatório Swelink de Amesterdão com Kees Koelmans, com quem estudou violino barroco. Entre 2008 e 2010 estudou viola com Ana Bela Chaves.

Tem colaborado com agrupamentos como a Sinfónica da Galiza, Concerto Rotterdam, Milano Classica, Orquestra Gulbenkian e Remix Ensemble, e com músicos como Viktor Liberman, Daniel Harding, Osmo Vanska, James Jud e Peter Rundel. Em 2002 fez parte da Orquestra do Algarve, e desde esse ano integra o Ensemble Darcos.

No âmbito da Música Antiga, trabalhou com Enrico Onofri, Laurence Cummings, Fabio Biondi, Chiara Bianchini, Jap ter Linden, Antonio Florio, Harry Christophers e Andreas Staier. Faz parte da orquestra Divino Sospiro e da Orquestra Barroca Casa da Música. Colabora com os agrupamentos Ludovice Ensemble, Músicos do Tejo e Ensemble Bonne Corde.

Foi bolseira da Fundación Pedro Barrié de la Maza (Corunha) e da Diputación de A Corunha em 1997, 1998 e 1999.

Miriam Macaia *violino*

Miriam Macaia Martins nasceu em Tomar, em 1985. Concluiu o Curso Complementar de Violino no Conservatório de Música do Porto, com Suzanna Lidegran. Estudou violino barroco na ESMAE com Amadine Beyer. Em 2008, foi membro da Orquestra Bar-

roca da União Europeia. Tem colaborado em diversas orquestras e grupos de música de câmara como a Orquestra Barroca Divino Sospiro, Ensemble Baroque de Limoge, Ensemble Músicos do Tejo, Ludovice Ensemble e Ensemble Bonne Corde. Trabalhou com maestros e concertinos tais como Rinaldo Alessandrini, Chiara Banchini, Amandine Beyer, Fabio Biondi, Christophe Coin, Harry Christophers, Michel Corboz, Laurence Cummings, Antonio Florio, Fernando Miguel Jalôto, Jaap ter Linden, Marcos Magalhães, Lars Ulrik Mortensen, Enrico Onofri, Andrew Parrott, Christina Pluhar, Pablo Valetti, Luís Otávio Santos e Andreas Staier.

Nos últimos anos tem colaborado com as editoras FlorCaveira e Amor Fúria como multi-instrumentista e cantora. Participou em concertos e gravações com artistas como Tiago Guillul, Rui Reininho, Os Quais, B Fachada e Samuel Úria.

Bárbara Barros *violino*

Bárbara Barros estudou violino com Diana Cummings enquanto estudante de Bacharelato no Trinity College of Music, em Londres. Fez uma pós-graduação em violino barroco, com distinção e sob a orientação de Richard Gwilt, na mesma instituição, onde foi premiada com as bolsas TCM Scholarship e English Concert Junior Fellowship.

É membro da Orquestra Barroca Casa da Música e dos agrupamentos Solamente Naturali (Bratislava), Affinita Ensemble e Harmony of Nations Orchestra. Foi membro da Orquestra Barroca da União Europeia em 2004 e 2006, e tocou com agrupamentos como Florilegium, International Baroque Players, Devon Baroque, Bach Consort Wien

e Wiener Akademie. Trabalhou com alguns dos maiores especialistas da actualidade em música barroca.

É professora de violino na British International School of Bratislava e, fora do âmbito da música clássica, faz parte dos agrupamentos Slniečko alebo Punto & rybacé hlavy e FanoSuite.

ORQUESTRA BARROCA CASA DA MÚSICA

Laurence Cummings *maestro titular*

A Orquestra Barroca Casa da Música formou-se em 2006 com a finalidade de interpretar a música barroca numa perspectiva historicamente informada. Para além do trabalho regular com o seu maestro titular, Laurence Cummings, a orquestra apresentou-se sob a direcção de Rinaldo Alessandrini, Fabio Biondi, Harry Christophers, Antonio Florio, Paul Hillier, Riccardo Minasi, Andrew Parrott, Christophe Rousset, Daniel Sepec e Masaaki Suzuki, na companhia de solistas como Andreas Staier, Roberta Invernizzi e Franco Fagioli, e agrupamentos como The Sixteen ou o Coro Casa da Música. Os seus concertos têm recebido a unânime aclamação da crítica nacional e internacional.

A Orquestra Barroca apresentou-se em digressão em várias cidades portuguesas e também em Espanha (Festival de Música Antiga de Úbeda y Baeza), Inglaterra (Festival Handel de Londres) e França (Festivais Barrocos de Sablé e de Ambronay). Ao lado do Coro Casa da Música, interpretou Cantatas de Natal de Bach em concertos no Porto e Ourense. Em 2015 apresenta-se pela primeira vez no Palau de la Musica em Barcelona. Fez a estreia portuguesa da ópera *Ottone* de Hän-

del e, em 2012, a estreia moderna da obra *L'ippolito* de Francisco António de Almeida.

Johann Sebastian Bach é uma presença constante em todos os programas da Orquestra Barroca em 2015, destacando-se a integral dos *Concertos Brandeburgueses* sob a direcção de Laurence Cummings, concertos para cravo com Andreas Staier, ou a junção com o Coro Casa da Música para a celebração do Natal com o célebre *Magnificat* na interpretação de Paul Hillier. O Ano Alemanha na Casa da Música traz também obras de Pachelbel, Telemann, Händel e Schütz, ao longo de uma temporada que não deixa de convocar o Barroco português com Pedro António Avondano e Carlos Seixas.

A Orquestra Barroca Casa da Música editou em CD gravações ao vivo de obras de Avison, D. Scarlatti, Carlos Seixas, Avondano, Vivaldi, Bach, Muffat, Händel e Haydn, sob a direcção de alguns dos mais prestigiados maestros da actualidade internacional.

Violino I

Huw Daniel
Miriam Macaia
Ariana Dantas
Prisca Stalmarski

Violino II

Reyes Gallardo
Bárbara Barros
Cecília Falcão
Raquel Cravino

Viola

Raquel Massadas
César Nogueira

Violoncelo

Filipe Quaresma
Vanessa Pires

Contrabaixo

José Fidalgo

Oboé

Albert Romaguera
Andreia Carvalho

Fagote

José Rodrigues
Gomes

Cravo/Órgão

Miguel Jalôto

CONSELHO DE FUNDADORES

Presidente

LUÍS VALENTE DE OLIVEIRA

Vice-Presidentes

JOÃO NUNO MACEDO SILVA

JOSÉ ANTÓNIO TEIXEIRA

ESTADO PORTUGUÊS

MUNICÍPIO DO PORTO

GRANDE ÁREA METROPOLITANA DO PORTO

ACA GROUP

ÁGUAS DO PORTO

AMORIM INVESTIMENTOS E PARTICIPAÇÕES, SGPS, S. A.

ARSOPI - INDÚSTRIAS METALÚRGICAS ARLINDO S. PINHO, S. A.

AUTO - SUECO, LDA.

AXA PORTUGAL, COMPANHIA DE SEGUROS, S. A.

BA VIDRO, S. A.

BANCO ESPÍRITO SANTO, S. A.

BANCO BPI, S. A.

BANCO CARREGOSA

BANCO COMERCIAL PORTUGUÊS, S. A.

BANCO SANTANDER TOTTA, S. A.

BIAL - SGPS S. A.

CAIXA ECONÓMICA MONTEPIO GERAL

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

CEREALIS, SGPS, S. A.

CHAMARTIN IMOBILIÁRIA, SGPS, S. A.

COMPANHIA DE SEGUROS ALLIANZ PORTUGAL, S. A.

COMPANHIA DE SEGUROS TRANQUILIDADE, S. A.

CONTINENTAL MABOR - INDÚSTRIA DE PNEUS, S. A.

CPGIS - COMPANHIA PORTUGUESA DE COMPUTADORES INFORMÁTICA E SISTEMAS, S. A.

FUNDAÇÃO EDP

EL CORTE INGLÉS, GRANDES ARMAZÉNS, S. A.

GALP ENERGIA, SGPS, S. A.

GLOBALSHOPS RESOURCES, SLU

GRUPO MEDIA CAPITAL, SGPS S. A.

GRUPO SOARES DA COSTA, SGPS, S. A.

GRUPO VISABEIRA - SGPS, S. A.

III - INVESTIMENTOS INDUSTRIAIS E IMOBILIÁRIOS, S. A.

LACTOGAL, S. A.

LAMEIRINHO - INDÚSTRIA TÊXTIL, S. A.

METRO DO PORTO, S. A.

MSFT - SOFTWARE PARA MICROCOMPUTADORES, LDA.

MOTA - ENGIL SGPS, S. A.

MUNICÍPIO DE MATOSINHOS

OLINVESTE - SGPS, LDA.

PESCANOVA

PORTO EDITORA, LDA.

PORTUGAL TELECOM, SGPS, S. A.

PRICEWATERHOUSECOOPERS & ASSOCIADOS

RAR - SOCIEDADE DE CONTROLE (HOLDING), S. A.

REVIGRÉS - INDÚSTRIA DE REVESTIMENTOS DE GRÉS, S. A.

TOYOTA CAETANO PORTUGAL, S. A.

SOGRAPE VINHOS, S. A.

SOLVERDE - SOCIEDADE DE INVESTIMENTOS TURÍSTICOS DA COSTA VERDE, S. A.

SOMAGUE, SGPS, S. A.

SONAE SGPS S. A.

TERTIR, TERMINAIS DE PORTUGAL, S. A.

TÊXTIL MANUEL GONÇALVES, S. A.

UNICER, BEBIDAS DE PORTUGAL, SGPS, S. A.

EMPRESAS AMIGAS DA FUNDAÇÃO

CACHAPUZ

CIN S. A.

CREATE IT

DELOITTE

EUREST

GRUPO DOUROAZUL

MANVIA S. A.

NAUTILUS S. A.

SAFIRA FACILITY SERVICES S. A.

STRONG SEGURANÇA S. A.

OUTROS APOIOS

FUNDAÇÃO ADELMAN

I2S

PATHENA

RAR

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA

VORTAL

PATRONO MAESTRO TITULAR REMIX ENSEMBLE CASA DA MÚSICA

SONAE SIERRA



MECENAS PROGRAMAS DE SALA



MECENAS CASA DA MÚSICA



APOIO INSTITUCIONAL



MECENAS PRINCIPAL
CASA DA MÚSICA

